



## “SER UM HOMEM FEMININO...”: IDENTIDADE E AFEMINOFOBIA NA PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES DE HOMENS GAYS

José Claudivam da Silva <sup>1</sup>

Jônatan David Santos Pereira <sup>2</sup>

Nicole Louise Macedo Teles de Pontes <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho, por meio de etnografia virtual em aplicativos de relacionamento gay e através da análise bibliográfica de obras pertinentes aos estudos sobre as masculinidades e teoria Queer, visa investigar as condições de produção de masculinidade entre homens gays afeminados e situações de afeminofobia que emergem devido a permanência de traços e padrões de cisheteronormatividade dentro da comunidade LGBTQI+. A partir do viés do sistema binário de gênero, onde a aproximação com traços de feminilidade implica na desvalorização da identidade masculina, uma vez que esta perde o lugar de prestígio atribuído aos traços mais comuns do masculino, buscaremos compreender como gays afeminados sofrem no processo de produção de uma masculinidade que não se enquadra nesses parâmetros. Desde modo, os estudos Queer, através do conceito de performatividade de gênero, nos possibilitam discorrer acerca das questões da produção de masculinidades, bem como pensar sobre como as bichas afeminadas sofrem afeminofobia – preconceito dentro da própria comunidade LGBTQI+ contra homens gays afeminados – e quais as suas condições de marginalização evidenciadas pelo afastamento do padrão de gênero masculino preestabelecido, do macho alfa, onde ser feminino e/ou afeminado está associada historicamente à passividade sexual, docilidade e à submissão. Pensar numa identidade dissidente masculina afeminada é pensar as ressignificações das expressões da masculinidade e sua relação com o feminino e a feminilidade; assim, poderíamos afirmar que o (re)conhecimento das bichas afeminadas contraria as imposições do binarismo de gênero, bem como o ajustamento da formação identitária dos machos e bichas afeminadas em todos os contextos, principalmente nos espaços públicos.

**Palavras-chave:** Afeminofobia; Cisheteronormatividade; Masculinidades; Performatividade.

### INTRODUÇÃO

O corpo construiu-se de uma unicidade, cada pessoa é única, contudo possui características comuns a toda pessoa humana; características estas que os identificam, bem como os diferem, tais como sexo, classe social, orientação sexual, religião, gênero, entre outros, que fundam historicamente a diversidade humana, restando claro que a formação do

---

<sup>1</sup> Graduando pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE – SEDE; Graduado pelo Curso de Direito da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, [jclaudivamsilva@hotmail.com](mailto:jclaudivamsilva@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Direito da Faculdade de Integração do Sertão – FIS, [jonatan.david13@hotmail.com](mailto:jonatan.david13@hotmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professora de Sociologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST, [nicole.pontes@ufrpe.br](mailto:nicole.pontes@ufrpe.br)



indivíduo é construída socialmente, logo, não está isenta de mudanças e adequações ao longo da história e no meio social ao qual está inserido diante, principalmente, das diferentes formas que se passou a enxergar o ser humano, dentro de um contexto de construção cultural identitária.

A dicotomia do sexo biológico é disseminada na sociedade, se consolidando ao longo do tempo e produzindo categorizações, de modo que os órgãos genitais, características pura e exclusivamente biológicas, determinem e definam o “ser” mulher ou homem, sendo estes enquadrados dentro de uma lógica cisheteronormativa de matriz hegemônica. Assim, o binarismo sexual representa uma dessas categorizações quando afirma que o corpo possui somente duas formas constitutivas únicas, o feminino e o masculino, e que consequentemente exprimem papéis sociais também binários.

Muito disso se dá em virtude da formação pessoal de cada um quando lhe é ensinado a agir, se comportar ou possuir determinada aparência para adequar-se ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Outrossim, o ser adjeto precede a existência de um sujeito objeto do mesmo modo que a imposição de uma sexualidade apontada como correta, aquela que é (re)produtiva e (re)produtora, só existirá caso haja oposição com uma sexualidade inferiorizada taxada de errônea, ineficaz e/ou inútil.

Deste modo, os sujeitos de identidade diversa do padrão preestabelecido representam uma quebra de paradigma da lógica binária, uma vez que traços tidos como masculinos ou femininos, que não são atribuições condicionadas ao sexo biológico, representam as características da identidade do indivíduo, para além dessa noção de masculino para homens e feminino para mulheres, negando uma categorização excludente e marcada de preconceitos.

Coloca-se então que, a identidade masculina, que ainda é fortemente marcada pelo padrão hegemônico de construção de machos, entendidos como aqueles que repudiam traços femininos e representam o caráter másculo “inerente” do ser masculino, que ocupam a posição de “ativos” e possuem um lugar hierárquico privilegiado única e exclusivamente por possuírem um pênis; não possui um viés de unicidade de construção identitária onde as questões de masculinidades, no plural, melhor representa os indivíduos no meio social.

O afastamento do que é entendido como feminino pelos homens acaba abrindo precedente para a perspectiva identitária dos homens gays afeminados no contexto da produção de masculinidades, bem como para a situações de afeminofobia, preconceito pelos indivíduos de identidade dissidente, com papel de gênero diverso; uma vez que a identidades homossexuais, mais especificamente as identidades masculinas, já possuem um caráter de

marginalização e subalternidade que as coloca num lugar inferior e mais ainda quando associado ao feminino.

As bichas afeminadas<sup>4</sup> fogem a regra lógica do padrão preestabelecido de masculinidade que privilegia um determinado grupo de indivíduos, homens cisheteronormativos, uma vez que as identidades masculinas quando associadas à feminilidade perdem o seu caráter hegemônico e são condicionadas a passividade, tanto social quanto sexual e com isso reforçam situações de violências e de negação de reconhecimento.

A negação deste sujeito desviante estrutura um pensamento para a categorização do sexo, de modo que o binarismo homem/mulher represente o padrão correto e aceitável na sociedade. Contudo, a desconstrução desse sujeito cisheteronormativo se faz necessária diante das diversas formatações de gênero e identidades que são marginalizadas. O reconhecimento identitário resguarda direitos e assegura que as pessoas possam existir enquanto sujeitos de direitos e obrigações inseridos no meio social. Porém, o que se observa é um vazio, uma lógica de exclusão e uma afronta a dignidade da pessoa humana, princípio basilar da formação da identidade do indivíduo.

Esta contribuição de exclusão e condicionante das situações de afeminofobia é cada vez mais evidente, pois o binarismo sexual como padrão preestabelecido ainda é fortemente marcado e enraizado na sociedade. A construção a partir da desconstrução do que se entende por sexo/gênero busca quebrar essa concepção amparada nesta dicotomia e com isso entender o reconhecimento das diversas formatações de identidades masculinas para além de um padrão preestabelecido estruturalmente.

Falar em desejo também é uma coisa que nos leva a pensar e vivenciar os diversos tipos de rejeições advindo da própria população gay, uma vez que os desejos são entendidos como algo formalmente individual e subjetivo, quando na verdade estes partem de uma construção social. que a autora traz como “*effeminate*”, possuindo o mesmo caráter semântico na sua tradução,

Não se negam os gostos e autonomia na hora de escolher o “jantar”, contudo o “cardápio” apresentado nos aplicativos de relacionamento gay, quais sejam o Tinder e o Grindr<sup>5</sup>, criados em 2012 e 2009, respectivamente, na imensa maioria das vezes, não dá lugar

---

<sup>4</sup> A autora Eve K. Sedgwick traz o termo “*effeminate*” para designar esses corpos, tendo tal termo mesmo caráter semântico na sua tradução “afeminado”.

<sup>5</sup> São aplicativos de relacionamento gay e/ou bissexual. A quantidade de usuários é imensa e frequentemente se encontram perfis que discriminam outros usuários, na maioria afeminados ou que fogem dos parâmetros padronizados socialmente, e reproduzem uma lógica do macho que deseja (sente tesão) por outros machos.

para as bichas afeminadas, sendo observado que há uma rejeição em relação a elas e que tal rejeição está fortemente ligada a uma questão de repúdio e misoginia, pois durante todo o percurso metodológico do trabalho, as palavras soavam pejorativas, estritamente ofensivas e de distanciamento das identidades que possuem traços afeminados.

Vale salientar que muitos exemplos foram observados em conversas com perfis de usuários desses aplicativos, onde foi questionado o porquê deles não curtirem pessoas afeminadas, uma vez que em diversos perfis estavam explicitamente identificados com um “X” em pessoas afeminadas para determinar que não haveria possibilidade de envolvimento, sequer de algum tipo de conversa, como ocorreu com alguns, e dentre as respostas obtidas a mais reproduzidas foi: “É broxante”.

Parece que coisificar e rejeitar de forma tão violentamente é um comportamento recorrente reproduzido nos aplicativos de relacionamento gay e parte de um estereótipo impregnado culturalmente na sociedade de reprodução de um macho hegemônico e predeterminado a um lugar de superioridade em relação a tudo que perpassa a ideia de feminino ou feminilidade.

## METODOLOGIA

A temática do evento é bastante sugestiva e desperta um interesse pessoal, pois a vivência como homens cis homossexuais com vestígios indiscretos de feminilidade é uma mola propulsora para querer encarar uma discussão tão munida de preconceito e de caráter discriminatório. Ademais, a presença de perfis em aplicativos de relacionamentos gay também fomenta a discussão e construção da pesquisa, pautando e sustentando a nossa vivência pessoal.

Diante disso, a pesquisa é constituída e construída a partir do caminho metodológico qualitativo, seguindo uma análise de alguns perfis dos usuários do Grindr e do Tinder, que frequentemente são reprodutores do que aqui se chama de afeminofobia.

A pesquisa se desenvolve metodologicamente a partir da etnografia virtual, que é a apropriação de sites de relacionamentos, nesse caso específico, a partir do uso da etnografia tradicional, que é o estudo e entendimento sobre as diversas culturas, muito frequentemente utilizada na Antropologia. Porquanto, a etnografia virtual se coloca como o instrumento fundamental para a compreensão das culturas e reprodução de comportamentos estereotipados nos aplicativos de relacionamento gay, que aqui são o *corpus* de análise, sendo realizada no



período de março a agosto de 2019 com a verificação de 24 perfis nos referidos aplicativos, encontrando-se, deste modo, finalizada.

Diante da metodologia que se coloca como a mais eficaz para atingir o objetivo da pesquisa, algumas estratégias foram testadas para obter e mensurar os dados obtidos por meio destas, os diálogos curtos são reveladores de um conceito bastante violento e que assola tantas bichas afeminadas usuárias ou não dos aplicativos; o tratamento genérico e uma associação com mulheres, uma misoginia desenfreada e o broxante termo “não sou e nem curto afeminados”.

A análise posterior foi pautada na observância dos *nicknames*, bem como na biografia e descrição postas pelos usuários em seus perfis. Certamente, cada aplicativo tem uma logística diferente e foi importantíssima essa diferenciação. A exemplo, a análise da descrição “Não curto afeminados” ou as mais diversas frases pejorativas utilizadas; a etnia, a idade, a posição (ativo, passivo, versátil, versátil mais ativo, versátil mais passivo etc.); a tribo, dentre outros elementos fundamentais para compreensão dos aspectos que violam a dignidade dos usuários que fogem da padronização imposta pelos próprios membros dos aplicativos, bem como da sociedade e as relações sociais.

Tem-se aqui a ligação das bichas afeminadas como lotadas da passividade sexual nestes aplicativos, quando na verdade não há que se rotular apenas se baseando nesses conceitos que nos levam para um binarismo e relação entre homem e mulher, exclusivamente.

Não bastando, uma outra metodologia também foi aplicada, a revisão bibliográfica de obras, textos e artigos correlatos à temática posta. Nesta fase, foram utilizadas as obras da teórica norte-americana dos estudos de gênero Eve Kosofsky Sedgwick, criadora do termo afeminofobia, que sustenta e dialoga com questões propostas na pesquisa por meio das obras “Epistemologia do armário” e “*How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys*” onde analisa as problemáticas das construções identitárias masculinas.

## DESENVOLVIMENTO

A perspectiva de construção identitária dos machos e a lógica de manutenção de características simbólicas que assim os identifiquem carrega o estigma de negação dos corpos das bichas afeminadas, tais características incluem, dentre outras, ter a voz grossa, não “dar tinta”, ter “jeito de homem” e se portar como tal; características que podem estar presentes nos homens gays afeminadas, mas que são invisibilizadas a partir do reforço da afeminofobia.

Ser macho, no sentido estrito do termo, qual seja: a noção de um indivíduo ativo, social e sexualmente, másculo e viril, é uma definição que não cabe às bichas afeminadas.

Tal situação denota a configuração de uma machonormatividade “que enaltece as características associadas à masculinidade tradicional e muitas vezes é mobilizado na busca por estender tal masculinidade” (BRAGA, 2013, p. 13) que rejeita, ou procura rejeitar, traços de feminilidade para determinar um lugar de poder, onde os homens heterossexuais estão num topo, hipoteticamente, hierárquico social, em superioridade a todos os outros indivíduos sejam eles mulheres, homens heterossexuais afeminados, bichas afeminadas, bem como travestis ou transexuais, masculinos ou femininos.

Nesse sentido, a percepção de um discurso misógeno é evidenciado em uma dicotomia sobre a condição de ser ativo e ou passivo no âmbito sexual, a partir da atribuição da passividade a papéis quase que exclusivamente femininos denotando uma lógica pejorativa, onde a bicha afeminada é posta como passiva sexual, já que quebra a ideia de macho e sua potencial virilidade por possuir traços dissidentes da sua identidade masculina, sobretudo evidenciada nos aplicativos de relacionamento gays em que homofobia e misoginia andam lado a lado e ter trejeitos femininos é característica de subalternidade desses corpos de masculinidades diversas.

Como bem destaca a teórica Eve K. Sedgwick quando pontua que,

o empate aparentemente estático, mas consumidor de energia, entre posições minorarizantes e universalizantes da definição homo/heterossexual também não é o único cerco no qual são encenados os destinos homo e heterossexual modernos. O segundo, tão importante quanto o primeiro e intimamente confundido com ele, tem a ver com a definição da relação de pessoas homossexuais e desejos pelo mesmo sexo com o gênero. [...] De um lado, havia, e persiste, codificado de maneira diferente (no folclore e na ciência homofóbica que cercam esses “meninos mulherzinhas” e suas irmãs masculinizadas, mas também no coração e nas entranhas de boa parte da cultura gay e lésbica viva), o tropo da inversão anima muliebris in corpore virili inclusa – “a alma de mulher aprisionada num corpo de homem” – e vice-versa (SEDGWICK, 1993, p. 30).

Os desejos representam uma linha tênue nas perspectivas identitárias, uma vez que há uma figura idealizada a partir de um homem viril, que exala testosterona e que é heterossexual fazendo referência a um “homem de verdade”, pois a negação da identidade dos homens gays afeminados os coloca numa situação de “não homens” ou “menos homens” por performarem uma masculinidade que foge ao dito homem de verdade latente no mundo dos machos alfa

com seus corpos e sexualidades desejadas e desejáveis por grande parcela da comunidade LGBTQI+ inserida nos aplicativos de relacionamentos gays.

(...) um impulso vital desse tropo é a preservação de uma heterossexualidade essencial dentro do próprio desejo, através de uma leitura particular da homossexualidade de pessoas: o desejo, desse ponto de vista, subsiste, por definição, na corrente que flui entre um eu masculino e um eu feminino, em qualquer sexo de corpos que esses “eus” se manifestem (SEDGWICK, 1993, p. 30).

A comunidade LGBTQI carrega, intrinsecamente, situações de afeminofobia que corroboram para a manutenção de uma lógica de violências e marginalização das identidades dos indivíduos, uma vez que a comunidade LGBTQI não abarcou com rapidez às questões relativas aos homens gays afeminados, sempre ocupando posições de inferioridade pelos próprios homens gays, mas que não possuem traços de feminilidade. Deste modo, já na infância, a partir do percebimento da criança viada e posteriormente a bicha “pintosa” têm suas identidades negadas, bem como foram e são relegadas pelos seus semelhantes e pela sociedade binária, cisheteronormativa e de culto ao macho distante dos trejeitos e características que façam menção ao feminino.

That one woman, as a woman, might desire another; that one man, as a man, might desire another: the indispensable need to make these powerful, subversive assertions has seemed, perhaps, to require a relative deemphasis of the links between gay adults and gender-nonconforming children. To begin to theorize gender and sexuality tangled axes of analysis has been, indeed, a great advance of recent lesbian and gay thought. There is a danger, however, that advance may leave the effeminate boy once more in the position of the haunting abject – this time the haunting abject of gay thought itself (SEDGWICK, 1993, p. 157).

Os corpos abjetos e de identidades negadas nos aplicativos de relacionamento gay são os das bichas afeminadas, que representam o *corpus* estruturante da pesquisa, já que representam uma afronta a produção de masculinidades viris ou normais, carregando o estigma de ser um corpo dissidente, um corpo gay, e mais ainda por ser afeminado/efeminado.

“O estigma é definido como um atributo psicológico ou físico, aparente ou não, que está relacionado a uma marca social de vergonha, depreciando o indivíduo no convívio social” (GOFFMAN, 1988).

A negação da feminilidade se faz a todo custo para se colocar num lugar de privilégio, onde as bichas afeminadas são inferiores; os homens gays que performam uma masculinidade hegemônica estão em superioridade àquelas que não o fazem, determinando, enfaticamente, que tal negação se apresente antes mesmo da autoafirmação das suas masculinidades. É ainda

mais evidente a partir do uso recorrente da seguinte frase: “tudo bem ser gay, mas não precisa virar mulherzinha”; reforçando o caráter afeminofóbico e misógino da construção do homem viril dentro da própria comunidade LGBTQI.

O homem gay macho é bastante comum e reproduz discursos de violências para fomentar aquilo que seria o perigo da abjeção do seu corpo, qual seja, a associação com o afeminado que acaba determinando as fronteiras da produção de masculinidades, mesmo que masculinidades de homens gays, a partir da perspectiva do binarismo como distanciamento de tudo que represente o feminino ou que possua traços do afeminado.

In this case the eclipse of the effeminate boy from adult gay discourse would represent more than a damaging theoretical gap; it would represent a node of annihilating homophobic, gynephobic, and pedophobic hatred internalized and made central to gay-affirmative analysis. The effeminate boy would come to function as the discrediting open secret of many politicized adult gay men (SEDGWICK, 1993, p. 158).

Assim sendo, a identidade masculina afeminada quebra a lógica do armário e do ocultamento do próprio ser que permeia os espaços, sejam eles públicos ou privados; de modo que o enfrentamento de autoafirmação e reconhecimento das bichas afeminadas produz masculinidades diversas que visam romper com a estrutura binária de marginalização e subalternidade desses corpos dissidentes afeminados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Falar sobre afeminofobia nos remete a alguns casos pontuais, pois não há que se falar em rejeição, violência por meio desta, ou até mesmo a discriminação por meio de palavras pejorativas e que colocam no outro a explicação sobre a falta de desejo/tesão, uma vez que a construção do tudo que foi citado anteriormente depende de como se vislumbra a posição do outro socialmente.

Durante toda a construção da temática neste trabalho, pontuamos que a mulher é colocada para ocupar um lugar social que é marginalizado, munido de sentimentos e de fragilidade, sobretudo esteticamente, uma vez que a mulher, por ser colocada num lugar de fragilizada e emocionalmente mais sensível deve estar ocupando um espaço de subalternidade diante dos machos ou também dos machonormativos, que, absurdamente, buscam fugir dessa lógica incorporada e culturalmente aceita como feminina e, com isso, determinam que as bichas afeminadas estão, analogicamente, nesse mesmo espaço – a rejeição dos traços de



feminino e feminilidade contribuem para a produção de machos embebidos de características cisheteronormativas.

Sobre essa perspectiva de repulsa, não sabendo ao certo o grau de misoginia, uma vez que qualquer comportamento que fuja dos atos performativos, “entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, p. 194), caracterizados por esses machos cisheteronormativos dotados de todos os seus instrumentos normativos e reconhecidos social e culturalmente como o padrão é mais que fundante de uma lógica de perda do tesão, do desejo ou qualquer que seja o substantivo que caracterize esse tipo específico de violência, qual seja, a violência simbólica “que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (BOURDIEU, 2012, p. 47).

A violência, na sua perspectiva simbólica, dilui-se no cotidiano e é imposta a partir de instrumentos de conhecimento e comunicação, centrados em hábitos culturais e históricos, fazendo com que as vítimas desse tipo de violência não se percebam como vítimas. Desta forma, elas se mantêm em situação de subordinação, a partir de preconceitos ou porque não dizer estereótipos aplicáveis aos gêneros que são mantidos pelo meio social.

Nesse sentido, destaca o teórico Pierre Bourdieu,

a dominação de gênero mostra que a violência simbólica se dá por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além – ou aquém – do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de habitus que são ao mesmo tempo gerados e generantes (BOURDIEU, 1998, p. 23).

Contudo, tal perspectiva independe do gênero, pois ao que parece, há uma associação imediata do gay afeminado à mulher, quando na verdade, gays afeminados são homens cishomossexuais que se identificam de pronto com o seu sexo biológico.

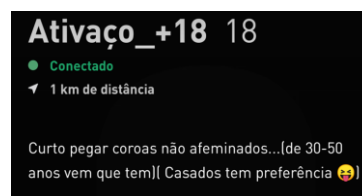
Diante disso, o que se percebe é o desejo/tesão, alimentado por uma lógica de fetiche, pautado numa construção social e negada fortemente pelos machos que ainda enxergam os gays afeminados como mulheres e não como homens com traços femininos e de feminilidade.

A seguir traremos alguns diálogos que especificam e traduzem a afeminofobia e essa violência por meio de usuários dos aplicativos de relacionamento, denominados também de “aplicativos de pegação”, nesse caso específico o aplicativo Grindr, de forma bastante pertinente.

Vale salientar que, é comum encontrar nesses aplicativos de relacionamentos gays homens que se identificam como heterossexuais e que quase sempre são casados, que possuem uma vida social de reprodução de uma masculinidade hegemônica e de reforço à perspectiva patriarcal que se intitulam cisgêneros no âmbito público, mas que, no ambiente virtual, na esfera do privado, performam uma identidade sigilosa, sendo esta uma identidade bissexual ou homossexual, principalmente no que tange aos seus desejos.

O usuário de *nickname* “ATIVAÇÃO\_+18” (figura 1) de 18 anos de idade traz em seu perfil especificações peculiares e que reforçam características de afeminofobia, desejo e fetiche quando define que tem preferência por homens mais velhos, que não sejam afeminados e que prefere os casados.

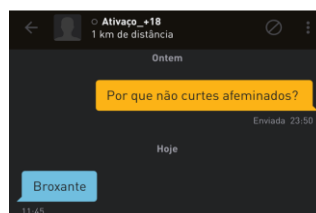
Figura 1 – Perfil de usuário do Grindr



Fonte: Autores, 2019.

Em conversa com o usuário do perfil de *nickname* “ATIVAÇÃO\_+18” (figura 2), é questionado sobre o porquê dele especificar em seu perfil o fato de não curtir afeminados e em sua resposta ele destaca que é “broxante”, permeando, novamente, na esfera dos desejos, bem como é perceptível observar uma das formas de violência simbólica perpetuada por tal usuário em reforço ao padrão binário preestabelecido e de negação dos traços femininos e de feminilidade.

Figura 2 – Trecho da conversa com o usuário "Ativação\_+18"



Fonte: Autores, 2019.

Os números de membros da própria comunidade LGBTQI participando a afeminofobia são imensos e os motivos estão colocados durante toda a construção do trabalho, porquanto, é relevante que se note o papel imposto à mulher diante do sistema sexista e machonormativo; a construção de toda a masculinidade pela população gay reproduz afeminofobia contra os próprios membros da sua comunidade, evidente para aqueles que divergem da lógica do macho e todas as suas adjetivações masculinizadas que destaquem a figura de superioridade dos machos alfa.

Essa dualidade e esse diálogo são as molas propulsoras de toda violência recorrente nos aplicativos de relacionamento contra gays afeminados, pois a construção do que é feminino e a construção do que é masculino ainda norteia as relações sociais, na seara do público, e sexuais, na seara do privado, bem como, e principalmente, as relações virtuais aqui abordadas onde há, de certo modo, maior liberdade de performar uma identidade com maior fluidez.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão binária de gênero que produz homens e mulheres a partir de um padrão cisheteronormativo preestabelecido e por meio do seu sexo biológico favorece para um apagamento identitário de indivíduos que não se encaixam nessa lógica que é, antes de tudo, excludente e condicionante de marginalização desses corpos dissidentes. As identidades masculinas são condicionadas a performarem uma masculinidade que preserva características machistas, patriarcais e misóginas para reforçar traços, ditos, típicos dos homens, dos machos alfa cisheteronormativos e na manutenção da sua virilidade.

Nesse sentido, as bichas afeminadas quebram com a lógica de masculinidades hegenômicas que visam afastar características que remetam ao feminino, bem como a feminilidade como pertencentes a homens, mais especificamente homens gays, inseridos no meio social. Por possuírem traços afeminados esses homones gays são submentidos a situações de violência e afeminofobia que marginalizam seus corpos e apagam suas identidades em detrimento de um padrão estruturante dicotômico.

A afeminofobia denota um caráter de repulsa aos corpos afeminados num contexto social hierárquico de dominação masculina, onde os papéis dos homens cisgênero heterossexuais ainda são colocados em superioridade aos demais indivíduos, pois o mundo dos machos e das suas machonormatividades carecem de uma perpetuação dos atributos que

assim o identifiquem, bem como a reprodução de violências simbólicas que, de certo modo, demarcam seus lugares de poder, o lugar do macho alfa.

As violências são evidenciadas tanto no âmbito do espaço público, quanto no privado e permeia a esfera dos desejos e dos fetiches, sendo possível observá-la pelos membros da própria comunidade LGBTQI+ quando rejeitam parceiros que tenham características que façam referência ao feminino, ainda mais flagrante nos aplicativos de relacionamento/pegação gay, onde é comum encontrar a frase “não sou nem curto afeminados” para resguardar sua masculinidade e procurar indivíduos que fujam aos trejeitos femininos.

A perspectiva afeminofóbica contribui para a manutenção de corpos e identidades negadas e colocadas em situação de subalternidade por representarem uma afronta ao sistema social que reforça esteriótipos e não é capaz ou não quer alcançar noções identitárias diversas, principalmente no que tange a produção de masculinidades de homens gays e bichas afeminadas num contexto em que os corpos são políticos e carregam um discurso de reconhecimento e de afirmação de identidade para além de uma lógica repositiva e excludente que é a do binarismo.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A Dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- \_\_\_\_\_. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel (Org.). A dominação masculina revisitada. Campinas (SP): [s.n.], 1998. p. 11-28.
- BRAGA, Gibran Teixeira. “Não Sou nem Curto”: prazer e conflito no universo do homeorotismo virtual. Dissertação de mestrado – UFRJ, 2013.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Tradução: Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. 1993. How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys. In: Tendencies. Durham: Duke University Press.
- \_\_\_\_\_. A Epistemologia do Armário in Cad. Pagu [online]. 2007, n.28, p. 19-54.